
Contribuições de Stáline para a Ciência Militar e Política Soviética (XXI)

Ulrich Huar

Capítulo II

Stalingrado

Sobre a principal linha de ataque da Wehrmacht alemã no Verão de 1942

Discussões no Quartel-General

Sobre a batalha de Stalingrado quase não há uma literatura histórica aceitável.¹ Nesta contribuição trata-se só de referir um aspecto desta batalha, o papel de Stáline enquanto comandante supremo.

A situação nas frentes só será, por isso, sinteticamente referida, na medida em tal for necessário para avaliar a actuação de Stáline neste período da guerra.

Depois da batalha de Moscovo, houve no QG, no Estado-Maior e nos estados-maiores das frentes reflexões e discussões sobre qual seria a frente em que se devia esperar uma nova ofensiva das tropas alemãs. As opiniões eram muito divergentes. Segundo as memórias de Júkov, Stáline considerava que o adversário realizaria no Verão de 1942 grandes operações de ataque em duas direcções estratégicas, contra Moscovo e a Sul.

A operação em direcção a Moscovo era a que mais preocupava Stáline, porque aí estavam concentradas mais de 70 divisões alemãs. Se Stáline pensava, imediatamente a seguir à operação moscovita de 1941/42, poder iniciar uma ofensiva em toda a frente, rapidamente se convenceu de que o Exército Vermelho ainda não possuía os meios necessários para uma operação de ataque de tal dimensão,

¹ Uma descrição completa da batalha de Stalingrado foi publicada na *História da II Guerra Mundial 1939-1945*, em 12 volumes, vol. VI «*A mudança fundamental na guerra*», numa edição conjunta do Instituto de História Militar do Ministério da Defesa da URSS, do Instituto para o Marxismo-Leninismo, junto ao CC do PCUS, do Instituto para História Geral da Academia das Ciências da URSS, do Instituto para a História da URSS da Academia das Ciências da URSS. Edição em língua alemã pela editora militar da RDA, Berlim 1979, pp. 11-109. (De seguida referida como Hist. II GM).

as forças do adversário ainda eram muito poderosas e, por isso, o Exército Vermelho deveria limitar-se a uma defesa estratégica activa. Pequenas operações de ataque deviam realizar-se, simultaneamente, na Crimeia, na região de Kharkov, nas direcções Lgov-Kursk e Smolensk assim como em Leningrado e Demiansk.²

Chapochnikov, chefe do Estado-Maior, estava «*em princípio*» de acordo com Stáline. No entanto, queria limitar-se à defesa estratégica e desistir das pequenas operações ofensivas. Até ao Verão, o adversário devia ficar esgotado e enfraquecido com as operações de defesa. Depois da constituição de reservas, o Exército Vermelho devia então iniciar uma grande ofensiva no Verão.

Júkov partilhava a opinião de Chapochnikov, mas queria, no início do Verão, derrotar as tropas fascistas na região Rjev-Viazma. O adversário tinha aí «*concentrado forças poderosas*».³

QG e Estado-Maior consideravam a direcção Oriol-Tula e Kursk-Voronej especialmente perigosa. A partir daí podia iniciar-se um ataque para cercar Moscovo.

Júkov concordou, no fundamental, com o prognóstico de Stáline, queria, contudo – como também Chapochnikov – desistir de pequenas operações ofensivas, que sorveriam as reservas e assim dificultariam a preparação da ofensiva geral. Propôs a Stáline «*em primeiro lugar atacar fortemente na direcção Oeste para derrotar as tropas adversárias na região Viazma-Rjev*».⁴ Júkov orientava-se assim para a derrota do adversário na direcção Oeste. Havia diferenças entre Stáline, Chapochnikov e Júkov no que diz respeito às considerações tácticas – realizar ou não pequenas operações ofensivas no âmbito da defesa estratégica – mas não no que diz respeito à direcção estratégica principal. O principal perigo encontrava-se, segundo os três, na Frente Ocidental Viazma-Rjev, Oriol-Tula, direcção principal Moscovo.

Como a questão da direcção principal da ofensiva alemã tinha importância estratégica e era muito complexa, Stáline convocou uma reunião em que se discutiu a situação geral e as possíveis variantes.

Esta reunião realizou-se no final de Março no Comité Estatal de Defesa. Participaram Voróchilov, Timochenko, Chapochnikov, Vassiléviski, Bagramian e Júkov.

Como escreveu o tenente-general Bagramian, chefe do grupo operativo da Frente Sudoeste (mais tarde marechal da União Soviética), Timochenko era da opinião de que existia na Frente Sudoeste «*uma posição inicial favorável*», a partir da qual, avançando pelo Norte e pelo Sul, se podia conquistar Kharkov, que estava ocupada pelo adversário. Segundo Timochenko, o Conselho de Guerra da Frente Sudoeste era da opinião de que «*com o início do Verão, o alto comando fascista irá dirigir os seus esforços principais na direcção de Moscovo para conquistar a nossa capital. Na direcção Sudoeste, o adversário contentar-se-á com um ataque secundário. O QG também partilha deste ponto de vista. Partindo daqui*», esclarece Timochenko, «*podíamos executar, com base nas posições alcançadas no Verão, várias operações de ataque coesas na direcção Sudoeste*

² Júkov, *Memórias e Reflexões*, Tomo 2, Moscovo 1969/Berlim 1973, 4ª edição revista, p. 8.

³ Idem, *ibidem*, p. 9.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 10.

para libertar Kharkov e a bacia de Donetsk. Para isso, a direcção Sudoeste tem de ser reforçada atempada e suficientemente com pessoas, meios de combate, munições e reservas.»

Timochenko e Khruchov não se guiavam só por puros raciocínios militares, mas também pela ideia de reforçar o potencial militar-industrial do país, através da libertação da bacia de Donetsk e do importante centro industrial de Kharkov.⁵

O estado-maior da Frente Sudoeste elaborou um documento que foi entregue a Stáline. Nele referiam-se as possíveis intenções do alto comando alemão. «Segundo informações dos serviços de inteligência e declarações dos prisioneiros, o adversário concentra as suas reservas, com um considerável número de tanques, a Leste de Gomel e nas regiões de Krementchug, Kirovograd e Dnepropetrovsk, manifestamente com o objectivo de passar à acção na Primavera.

De momento é difícil prever a dimensão deste ataque. Sobre as prováveis direcções e as intenções operativo-estratégicas do adversário só podem ser feitas suposições.

Pensamos que o adversário dirigirá de novo os seus esforços principais na direcção de Moscovo. Com este objectivo, o seu grupo principal procura persistentemente manter a sua posição em Moscovo, enquanto as suas reservas se concentram contra a ala esquerda da Frente Ocidental (para Leste de Gomel e na região de Briansk).

Paralelamente a ataques frontais contra a Frente Oeste, o adversário procurará, com poderosas unidades motorizadas, a partir da região Briansk e Oriol, contornar Moscovo pelo Sul e Sudoeste, alcançar o Volga, na região de Gorki, e isolar a capital dos importantes centros industriais e económicos da região do Volga e do Ural.

A Sul espera-se um ataque de poderosas forças do adversário entre o Norte do rio Donets e a bacia de Taganrog com o objectivo de alcançar o curso inferior do Don e ainda nos campos de petróleo no Cáucaso.

Provavelmente, este ataque deverá ser acompanhado por um ataque secundário a Stalingrado e operações de desembarque na costa do Mar Negro a partir da Crimeia.

Para assegurar a entrada em acção das suas forças principais contra Moscovo e o Cáucaso, sem dúvida que o adversário procurará executar um ataque secundário a Voronej, a partir da região de Kursk. Se estas forças alcançarem a região de Voronej-Liski-Valuiki, perderemos as importantes linhas férreas que ligam Moscovo à bacia de Donetsk e ao Cáucaso.

As condições meteorológicas, a Sul em meados de Abril e a Norte na primeira metade de Maio, possibilitam acções de combate de grande envergadura.

Mas se considerarmos a vantagem que traz o ataque simultâneo de poderosas forças em todas as frentes, então é de admitir que o adversário iniciará acções de ataque decisivas em meados de Maio deste ano.»⁶

⁵ I. Ch. Bagramian, *Assim Avançámos Para a Vitória*, Moscovo 1977/Berlim 1984, p. 45.

⁶ Arquivo do Ministério da Defesa da URSS (AMV), Fundo 251, Lista 646, Acta 145, Folha 35. Citado de acordo com Bagramian, *ibidem*, p. 47 e seg.

Conclui-se deste documento, que Timochenko também esperava o ataque principal contra Moscovo e «*um ataque poderoso*» a Sul, com o objectivo de conquistar os campos petrolíferos do Cáucaso. O adversário iria utilizar as suas forças principais contra Moscovo e o Cáucaso. Portanto, Timochenko incluiu a direcção Sul no seu prognóstico, todavia não como direcção principal.

Timochenko defendeu a proposta de executar um «*ataque operativo*» limitado contra Kharkov «*para melhorar a situação das nossas tropas na estratégica direcção Sudoeste*».7 Trata-se, portanto, de uma «*ofensiva estratégica*» na região de Kharkov.

Na já referida reunião no Comité de Defesa, Vorochílov apoiou a proposta de Timochenko. Júkov declarou-se repetidamente contra várias operações de ataque.⁸

As opiniões não eram, portanto, coincidentes sobre as variantes tácticas. Depois da reunião, seguiu-se a directiva de Stáline para preparar e executar operações na Crimeia, na região de Kharkov e noutras direcções. Stáline não decidiu, de forma nenhuma, «*solitariamente*», mas depois de uma reflexão colectiva, na qual a maioria dos participantes, não só Stáline, foi da opinião de que o ataque principal do exército alemão seria na Frente Ocidental, na direcção de Moscovo, com tentativas de desvio a partir do Sudoeste. O plano para a Operação Kharkov foi elaborado por Bagramian. «*Na noite de 30 de Março, foi analisado e aprovado por Stáline, Chapochnikov e Vassiléviski na nossa presença.*»⁹ Bagramian conclui: «*Quer do ponto de vista estratégico, quer da perspectiva operativa, a decisão do Alto Comando de iniciar a Operação Kharkov em Maio de 1942 estava correcta, baseando-se na opinião largamente partilhada no QG de que o Alto Comando fascista, com o início do Verão, utilizaria as suas forças principais na direcção de Moscovo e parte delas contra a direcção Sudoeste. Esta opinião não era só partilhada pelo Alto Comando e o QG, mas também pelos comandantes da maioria das frentes, entre eles o comandante da Frente Sudoeste. Eu próprio era desta opinião.*»¹⁰

Quer as operações na Crimeia, quer a operação para libertar Kharkov terminaram numa derrota. Para Júkov a causa da derrota das operações de ataque na região de Kharkov foi «*principalmente a subestimação do perigo real que a estratégica direcção Sudoeste continha (...) O QG não tinha concentrado as reservas necessárias para esta operação.*»¹¹

Bagramian viu a principal razão para o fracasso da Operação Kharkov no facto de o QG e a direcção da Frente Sudoeste acreditarem que o ataque principal do Alto Comando alemão seria na direcção de Moscovo e que no Sul só se deveria esperar um ataque secundário. Cita abundantemente um artigo posterior de Vassiléviski, de 1965: «*No Verão e Outono de 1941, o grupo adversário mais poderoso actuava na direcção estratégica de Moscovo, onde eclodiram combates cruéis. Este acontecimento trágico para nós ainda estava bem vivo na nossa*

⁷ Idem, ibidem, p. 70.

⁸ Júkov, Tomo II, p. 11.

⁹ Bagramian, ibidem, p. 57.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 59.

¹¹ Júkov, Tomo 2, p. 13.

memória. Na campanha de Inverno 1941/42, as nossas tropas puderam rechaçar as tropas do adversário, mas a nossa capital manteve-se ameaçada. Até final de Abril de 1942, o grupo adversário mais poderoso mantinha-se, como antes, no sector central da frente soviético-alemã. Perante este facto, o QG e o Alto Comando retiraram conclusões erradas: consideraram que, com o início do Verão, os combates se iriam desenrolar de novo principalmente na região de Moscovo e que o adversário tentaria, exactamente aqui, na direcção central, derrotar-nos definitivamente.

(...) Depois da campanha de Inverno 1941/42 – o adversário ainda era consideravelmente superior em homens e equipamento e nesse tempo ainda nos faltavam reservas capazes, assim como recursos materiais – no QG tinha-se a convicção inabalável de que a tarefa principal, na Primavera e no início do Verão, consistia numa defesa estratégica temporária.

(...) O Comandante Supremo concordou com as conclusões e propostas do chefe do Alto Comando, mas ordenou o planeamento de operações de ataque em diferentes direcções para, por um lado, melhorar a situação operativa e, por outro, antecipar-se a ataques do adversário. Consequentemente estavam previstas operações junto a Leningrado, na região Demiansk, nas direcções de Smolensk e Kursk-Lgov, na região Kharkov e na Crimeia.

Os acontecimentos do Verão de 1942 tornaram claro que a passagem para a defesa estratégica temporária em toda a frente soviético-alemã e a renúncia à execução de operações de ataque – por exemplo a de Kharkov – teria poupado ao país e às nossas tropas as pesadas derrotas e ter-nos-iam dado a possibilidade de passarmos bastante mais cedo às operações de ataque e assumir de novo a iniciativa.

O erro do QG e do Alto Comando no planeamento dos combates para o Verão de 1942 foi posteriormente considerado, especialmente no Verão de 1943, quando se decidiu o carácter dos combates na bacia de Kursk.»¹²

Ou seja, Vassilévski também viu a razão principal da pesada derrota do Exército Vermelho a Sul, na Primavera de 1942, na previsão errada do suposto ataque principal do adversário na direcção de Moscovo. Stáline manteve este ponto de vista até Julho.¹³

Atrás provou-se que não era só Stáline que defendia este prognóstico errado. Mas, enquanto Comandante Supremo, cabia-lhe a decisão final, era sua a responsabilidade pela derrota, à qual também não se esquivou. Júkov comentou sobre isto: «Stáline compreendia que a difícil situação no Verão de 1942 também era consequência do seu erro pessoal, que tinha cometido na implementação do plano para os combates na campanha de Verão de 1942. Ele não procurou outros culpados entre os camaradas dirigentes do QG e do Estado-Maior.»¹⁴

¹² *Voiennno Istoristcheski Jurnal*, N° 8/1965, pp. 3-10. Citado de acordo com Bagramian, *ibidem*, p. 105 e seg.

¹³ *Idem*, *ibidem*, p. 107.

¹⁴ Júkov, tomo 2, p. 21.

Bagramian confirma, na sua perspectiva, o comportamento de Stáline a propósito da derrota na frente em Kharkov. Na avaliação dos acontecimentos «Stáline estava calmo e reservado (...) Podia ter-nos feito acusações sérias por causa dos nossos erros, mas Stáline tratou todo este assunto com calma e grande dignidade.» Bagramian pensava «que o autocontrolo na condução dos combates era uma das características mais assinaláveis de Stáline. Reflectia-se positivamente na sua acção enquanto militar, político e comandante militar.»¹⁵

Na avaliação errada do QG e do Estado-Maior deve-se ter em conta que as informações sobre o adversário eram muito incompletas. Quando tiveram de tomar as suas decisões os generais desconheciam as informações, que mais tarde puderam incluir nas suas memórias, contidas nos documentos do Alto Comando da *Wehrmacht* (OKW).

Bagramian inclui uma compilação do Estado-Maior da *Wehrmacht* de 6 de Junho de 1942 sobre a situação da *Wehrmacht*: «Apesar de, entre 22.2.41 e 1.5.42, se ter enviado um milhão e cem mil homens para o Exército Leste (sem contar com os soldados curados regressados dos hospitais militares), a 1.5.42 havia provavelmente 625 mil lugares vagos no Exército Leste, que afectavam principalmente as tropas em combate. As unidades do Grupo de Exércitos Sul possuem cerca de 50 por cento da sua infantaria inicial e o Grupo de Exércitos Centro e Norte cerca de 35 por cento. Até ao início da operação deve contar-se com o reforço das divisões do Grupo de Exércitos Sul à sua máxima potência, até Agosto de 1942 com o reforço das divisões do Grupo de Exércitos Centro e Norte (cada divisão só tem seis batalhões) em 55 por cento da sua capacidade de combate de infantaria inicial.»

Mais à frente: «O Grupo de Exércitos Centro e Norte só irá dispor de uma unidade blindada por exército (...) A grande perda de viaturas durante a campanha de Inverno – de 1.11.41 até 15.3.42, 75 mil viaturas para um fornecimento de sete mil – e a enorme perda de cavalos – de 1.11.41 a 15.3.42 cerca de 180 mil para cerca de 20 mil repostos – dificultou fortemente a possibilidade do restabelecimento total da mobilidade do Exército até ao início da operação (...) Força Aérea: número de aviões operacionais reduzido em média em 50 a 60 por cento, em relação à situação em 1 de Maio de 1941. Quanto à artilharia antiaérea, aumento do stock, mas pessoal insuficiente. A capacidade de defesa da *Wehrmacht*, no seu conjunto, é mais baixa do que na Primavera de 1941, dada a impossibilidade de um completo refrescamento do pessoal e do material.»¹⁶

«Infelizmente o Alto Comando desconhecia, à época, estas informações tão importantes para nós. O QG e o Estado-Maior não tinham a possibilidade de determinar a real situação do adversário em toda a sua dimensão.

Graças aos esforços heróicos do Partido Comunista e do povo soviético, a capacidade do nosso Exército Vermelho aumentou para 5,1 milhões de homens até ao início da ofensiva do Verão de 1942. Possuía mais de 44 900 canhões e lança-granadas, quase 3900 tanques e cerca de 2200 aviões de combate. Nesta

¹⁵ Bagramian, *ibidem*, p. 111.

¹⁶ *Diário de Guerra do Alto Comando da Wehrmacht* (Estado-Maior da *Wehrmacht*). Frankfurt am Main, 1963, Tomo II, p. 51. Citado segundo Bagramian, *ibidem*, p. 66.

altura a Alemanha fascista e os seus aliados tinham na frente soviético-alemã cerca de 6,2 milhões de homens, 3229 tanques e canhões de assalto, 3395 aviões de combate e 56 941 bocas-de-fogo e lança-granadas.

Desta comparação é fácil perceber que o adversário continuava a ser superior. A superioridade quantitativa e qualitativa no que respeita aos aviões assegurava ao adversário um domínio do ar esmagador. Quanto aos blindados éramos sensivelmente superiores, mas uma parte importante era qualitativamente inferior aos blindados alemães no que diz respeito às suas capacidades de combate.»¹⁷

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 66 e seg.